

in NICO, B. (1998). "Currículo universitário: da geometria cartesiana à relatividade einsteiniana". in José Pacheco *et al* (Orgs.). *Reflexão e Inovação Curricular. Atas do III Colóquio sobre Questões Curriculares*. Braga: Universidade do Minho.

## **Currículo universitário: da geometria cartesiana à relatividade einsteiniana**

**José Bravo Nico**  
*Universidade de Évora*

### **Introdução**

A dimensão das questões curriculares, no ensino superior universitário, transcende, cada vez mais, os tradicionais, mas de crescente complexidade, campos do ensino e da aprendizagem.

Na Universidade, para além de se ensinar e aprender, também se vive. Vive-se um dos períodos mais marcante das vidas de cada um: a época em que se é jovem adulto.

A uma organização curricular, institucionalmente ortodoxa, baseada na rigidez dos planos de estudo, dos horários e locais de trabalho e dos conhecimentos a adquirir, contrapõe-se, cada vez mais, uma procura personalizada de produtos educativos personalizados, flexíveis e adaptáveis às características, necessidades e contextos de quem os procura.

O *design* curricular, no âmbito universitário, deverá caminhar, em nosso entender, no sentido da decrescente rigidez organizacional e da crescente flexibilidade (conferindo maior possibilidade de escolha do que se quer aprender) nunca abdicando das necessárias condições uniformizadas de certificação, que se constituem uma condição indispensável para o reconhecimento académico, profissional e social da formação recebida e/ou construída na Universidade.

A comunicação que se apresenta, pretende dar um contributo para a necessária reflexão que urge fazer sobre a missão da Universidade dos nossos dias.

Que tipo de percursos de formação se podem construir no contexto universitário? Quais as características dos percursos de formação que, actualmente, se protagonizam, na Universidade?

Deverá a Universidade continuar apenas a atribuir, a cada indivíduo, as respectivas *coordenadas* profissional e social, ou deverá, *também*, ser um *espaço* e um *tempo* de construção personalizada da identidade de cada pessoa, no respeito integral da sua auto-determinação pessoal e educativa?

### 1. As quatro coordenadas...

Do ponto de vista do processo da concepção, organização e implementação do currículo universitário, existem determinadas coordenadas que se deverão tomar em conta, tendo como pressuposto que a Universidade, para além de ser um *espaço* e um *tempo* de preparação para o futuro pessoal, profissional e social dos indivíduos, deverá, concomitantemente, constituir-se como um *espaço* e um *tempo* de vida presente para a pessoa do aluno. Entendendo-se o *currículo* como o conjunto de experiências educativas vividas pelo indivíduo nuns determinados espaço e tempo da sua vida, importa referir que o mesmo se ancora em quatro grandes alicerces, cujas coordenadas são:

- *coordenada política*, da responsabilidade da sociedade;
- *coordenada institucional*, no âmbito da autonomia da Universidade;
- *coordenada pedagógica*, da competência docente;
- *coordenada pessoal*, da iniciativa discente.

Qualquer uma destas quatro coordenadas são, na realidade, dimensões da decisão e construção curriculares. É com base nestas quatro coordenadas que se constrói aquilo a que chamamos currículo, partindo-se sempre do pressuposto

nde dar um  
fazer sobre a

em construir  
rísticas dos  
agonizam, na

a atribuir, a  
rofissional e  
um tempo de  
a pessoa, no  
pessoal e

concepção,  
universitário,  
ão tomar em  
le, para além  
para o futuro  
tos, deverá,  
o e um tempo  
ndendo-se o  
ativas vividas  
da sua vida,  
atro grandes

idade;  
utonomia da

las são, na  
rriculares. É  
strói aquilo a  
pressuposto

que a figura geométrica que resulta da união destes quatro pontos de convergência, tem a configuração que cada um lhe quer, ou pode, dar. É assim que entendemos o currículo.

## 2. A(s) geometria(s) curricular(es)...

Entendemos que não há um currículo universitário. Existem, de facto, diferentes percursos na Universidade, resultado das diferentes, porque idiossincráticas trajetórias, que cada indivíduo percorre, durante a sua permanência no sistema de ensino universitário.

Se partirmos do pressuposto de que são quatro, os vértices de qualquer representação esquemática daquilo a que chamamos currículo, então poderemos, com essas quatro possibilidades de coordenadas, construir uma infinidade de figuras geométricas. Tantas, quantos os diferentes, porque personalizados, percursos de formação, que se vivem na Universidade.

A cada uma dessas, infinitamente possíveis, figuras geométricas, corresponde uma determinada área, na qual se encontram representadas diferentes dimensões(ver anexo).

Como se pode depreender da(s) realidade(s) que os esquemas tentam representar, cada indivíduo estabelece a sua relatividade pessoal de cada uma destas quatro coordenadas, de acordo com muitas variáveis, das quais destacaremos, como, eventualmente, mais importante, a que respeita à sua resiliência educativa.

Se partirmos do pressuposto de que o currículo se assume, não só como a proposta inicial de um percurso académico

## Concluindo com as novas coordenadas...

A experiência universitária caracteriza-se, fundamentalmente, pela noção de mudança. Mudança aquando da entrada nesse novo ciclo de vida e de formação. Mudança no decorrer desse percurso. Nesse sentido, o indivíduo utilizando, de forma personalizada, o contexto de

formação que lhe é proposto, cria um espaço e um tempo de educação próprios.

Somos de opinião que, durante essa trajetória educativa, na Universidade, mais marcada pelas variáveis decorrentes da componente afectiva e relacional protagonizada do que pela qualidade da arquitectura formal do currículo proposto, existirão três dimensões, que urge começar a considerar:

a) *Componente Nuclear*, que corresponde à estrutura mais estática e comum do currículo. Corresponderá ao troço comum dos diferentes percursos educativos que se percorrem na Universidade, no âmbito de uma determinada formação

b) *Componente Opcional*, que resultará do processo de escolha condicionada de diferentes, mas previamente organizados, percursos de formação.

c) *Componente Pessoal*, que se assumirá, claramente, como o espaço e o tempo de escolha livre de percursos de formação, não previamente organizados.

Da conjugação destas três componentes, resultarão percursos de formação diversos, que, embora continuando com uma base comum, se assumem já como o resultado do equilíbrio e do compromisso entre decisões curriculares extra e intra-pessoais. Deste processo resultará uma prática, cada vez menos cartesiana e cada vez mais relativa, na construção participada e personalizada do currículo que cada um percorre, ao longo da sua permanência no contexto universitário.

O currículo universitário será, cada vez menos, uma trajetória pré-definida, e passará a ser, cada vez mais, um caminho que se vai construindo com a própria caminhada.

### Bibliografia

- BIREAUD, Annie (1990), Pédagogie et méthodes pédagogiques dans l'enseignement supérieur, *Révue Française de Pédagogie*, 91, 13-23.
- GIBBS, G. e JENKINS, A. (1992), *Teaching Large Classes in Higher Education*. London: Kogan Page Limited.
- GIL, António Carlos (1990), *Metodologia do Ensino Superior*. S. Paulo: Ed. Atlas.
- HEIDER, Fritz (1970), *Psicologia das Relações Interpessoais*. S. Paulo: Livraria Pioneira Ed<sup>a</sup>.
- JAROUSSE, J. P. (1984), Les contradictions de l' Université de masse, dix ans après (1973-1983), *Révue Française de Sociologie*, XXV, 191-210.
- KORTE, Charles e SYLVESTER, Andrew (1982), Expectation, Experience and Anticipatory socialization at a scottish University, *The Journal of Social Psychology*, 118, 187-197.
- LARGUÈZE, Brigitte (1992), Le bizutage: Un rite de passage, *Les Sciences de l'Éducation*, 3-4, 11-120.
- MENEZES, I. COSTA, M. e PAIVA CAMPOS, B. (1989), Valores de estudantes universitários, *Cadernos de Consulta Psicológica*, 5, 53-68.
- NÉRICI, I. (1967), *Metodologia do Ensino Superior*, S. Paulo: Ed. Fundo de Cultura.
- NICO, J.B. (1995), *A Relação Pedagógica na Universidade: ser-se caloiro*, [dissertação apresentada à Universidade de Lisboa, tendo em vista a obtenção do grau de Mestrem Ciências da Educação], Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- NICO, J.B. (1995), Contributo para o estudo da relação pedagógica no ensino superior: ser-se caloiro na instituição universitária. In *Actas do V Colóquio Nacional da Secção Portuguesa da AIPELF/AFIRSE*, Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, pp. 769-782.
- NICO, J.B. (1996), A identidade vocacional em alunos universitários: um estudo de casos, *comunicação apresentada ao VI Colóquio Nacional da Secção Portuguesa da AIPELF/AFIRSE*, Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- NICO, J.B. (1996), A entrada na universidade: vocacionalmente um fim ou um princípio? In *Actas do II Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*, Braga: Universidade do Minho, pp.207-217.

- QUESADA, M. e PEREIRA, M. (1991), Algunas actitudes y comportamientos de la tarea de especificación en el desarrollo vocacional de estudiantes universitarios, *Revista Educacion de la Universidad de Costa Rica*, 15(1), 95-103.
- SAINT-BONNE, M. (1991), Acerca de la integración de estudiantes, profesores y comunidad, *Revista Educación de la Universidad de Costa Rica*. 15(1), 139-145.
- WILLIAMS, Gareth, (1978), *Ver's l' éducation permanente: un rôle nouveau pour les établissements d'enseignement supérieur*, Paris: U.N.E.S.C.O.

actitudes y  
el desarrollo  
Educacion de

e estudantes,  
a Universidad

ente: un rôle  
nt supérieur",

**Anexos**

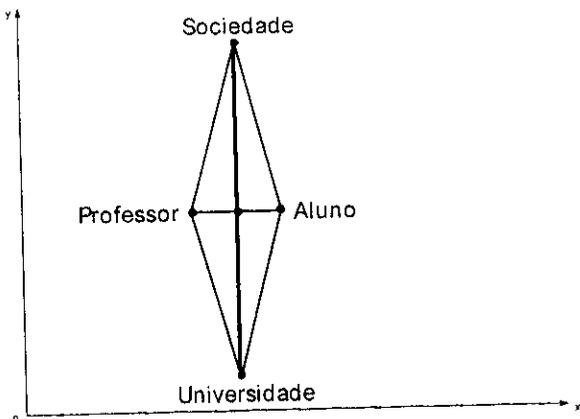


Fig. 1. O percurso curricular *tradicional*

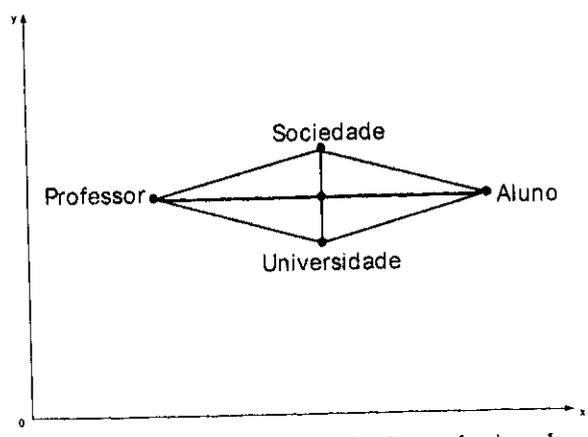


Fig. 2. O percurso curricular *relacional*

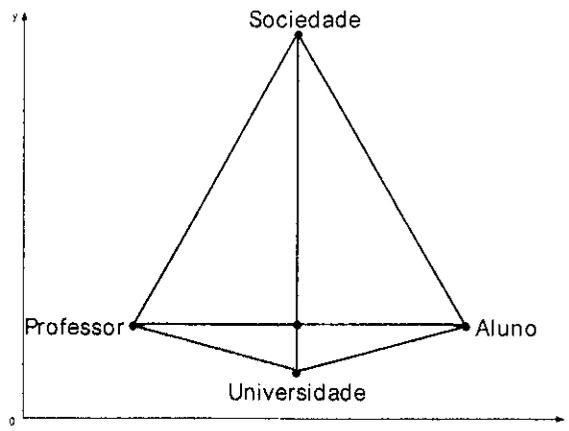


Fig. 3. O percurso curricular *cultural*

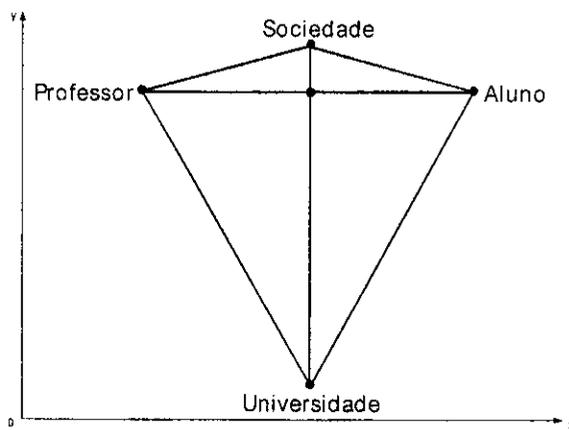


Fig.4. O percurso curricular *institucional*

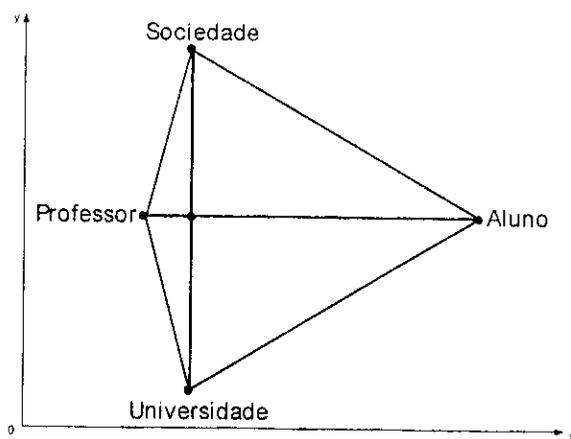


Fig. 5. O percurso curricular *resiliente*

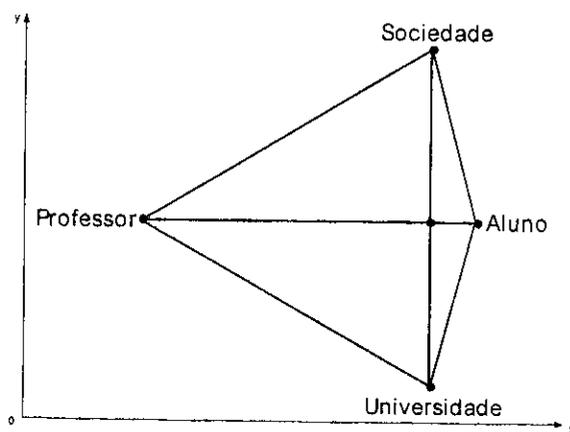


Fig. 6. O percurso curricular *ensinado*